

## AUTORIA FEMININA E PODER: A NARRATIVA DE NÉLIDA PIÑÓN

Profª Drª Lúcia Osana Zolin  
Universidade Estadual de Maringá

A obra de Nélida Piñón, inaugurada em 1961 com a publicação de *Guia mapa de Gabriel arcanjo*, traz em seu bojo uma estrutura temática que se desdobra e se atualiza ao longo de seus onze livros de ficção — oito romances e três coletâneas de narrativas curtas. São recorrentes aí as questões referentes à criação do texto, à linguagem, à religião, ao mito, ao amor em face do cristianismo, à paixão, à solidão humana e, entre tantas outras, à realização feminina. Mas o que de fato marca a peculiaridade de sua produção literária são os questionamentos empreendidos acerca das relações de poder que regulam esse universo temático. Trata-se, no dizer da própria escritora, do desejo de “subverter a sintaxe oficial”.

Ao narrar em *A república dos sonhos*, romance publicado em 1984, a saga do imigrante Madruga e de sua família desde a chegada dele no Brasil no início do século, Nélida Piñón, num certo sentido, narra também a história da emancipação feminina. Tal história, embora não seja explicitamente declarada, aparece diluída ao longo das 761 páginas do livro, nas quais estão retratadas as trajetórias das várias gerações de mulheres que se fizeram presentes na vida do protagonista: a avó, a mãe, a esposa, as filhas, as noras e a neta.

As trajetórias destas figuras femininas acabam por constituir um grande painel em que se pode vislumbrar, de um lado, as personagens principais representando os diversos estágios por que passou a mulher até atingir o grau de emancipação que a vemos desfrutar em meados dos anos oitenta, o momento presente da narrativa; e, de outro, as personagens secundárias, ora preparando o ambiente em que florescerão as ações daquelas, ora servindo-lhes de contraponto.

Eulália, Esperança e Breta consistem nas figuras centrais deste painel. São personagens que, guardadas as diferenças impostas pelo momento histórico em que estão inseridas, são semelhantes entre si, principalmente no que se refere aos atributos da

insubordinação e da não estagnação. A análise da evolução de suas trajetórias, segundo uma ordem cronológica, leva-nos a reconhecer, no conjunto, a mesma lógica que marcou a trajetória das conquistas sociais da mulher no século passado, viabilizadas pelo movimento feminista.

Se no caso de Eulália, o marido e o pai “havam-lhe explicado a vida pela metade” (RS, p. 14), ou seja, segundo a cartilha da ideologia patriarcal, daí seu comportamento ser marcado, face às incongruências das relações de gênero, mais pela resistência que pela ação, sua filha, Esperança, não se contentou com as meias verdades. Em nome do sonho de viver a plenitude da vida, abdicou do conforto da casa paterna e lutou vorazmente por isto. Os frutos dessa luta ela não os pôde colher, mas os deixou de herança à filha Breta.

Esta associação, no entanto, não implica, absolutamente, uma tentativa nossa em estabelecer correlações cronológica e ideologicamente rígidas entre as trajetórias destas personagens e as etapas do feminismo. Antes, pretendemos demonstrar o quanto Nélida Piñon esteve atenta, ao escrever *A república dos sonhos*, às discussões a respeito da problemática feminina, tão contemporâneas desta obra.

Em meio às personagens femininas responsáveis pela constituição do referido painel que retrata, no sentido em que dissemos, a história da mulher nas cinco gerações relacionadas a Madrugá, Eulália parece ser o símbolo da mulher-sujeito situada em épocas em que os germens do movimento feminista ainda não se faziam perceptíveis. Perceptíveis, apenas, eram os indícios da insustentabilidade do estado de coisas, que então vigorava, em relação aos “desmandos” relacionados ao sexo feminino.

Embora a natureza de Eulália não encontre lugar na realidade repressora do tempo, ela não se sente potente para se rebelar; trata-se de um reflexo da clara consciência que possui em relação à “inutilidade de competir com as vozes naturais”. (RS, p.14-5) Daí não demonstrar “urgência em alcançar qualquer canto da terra” e agir “como se não houvesse lugar onde

pousar os pés”. (RS, p 535) Daí, também, o desfecho de sua trajetória, marcado pela decisão de morrer, à revelia do marido e de seu poder.

Esta decisão de Eulália, configurada como uma espécie de grito de independência, irônico por se realizar através da morte, revela definitivamente a disparidade existente entre sua realidade interior e a realidade do meio em que vivia. A esta, segundo suspeitas da própria personagem, faltava “um sentido realista”; isto é, ao invés de ser construída segundo o desejo do indivíduo, contemplando a diferença, ela o é de acordo com códigos pré-estabelecidos no contexto histórico-cultural da sociedade patriarcal.

Esta realidade a que, segundo Eulália, falta “um sentido realista” obedece ao que Schmidt (1999) chama de *script* básico para a trajetória feminina. No contexto em que a referida personagem se insere, este *script* implica casamento, obviamente, com a preponderância do gênero masculino sobre o feminino; filhos; responsabilidades domésticas e, no máximo, acesso à religião.

Se à Eulália, e certamente à maioria das mulheres de seu tempo, não bastava cumprir tal roteiro para entrar em conjunção com a plenitude existencial, foi-lhe necessária uma vida inteira para conseguir, dada a força coercitiva do sistema, romper com este estado de coisas. Na carência de outras armas, ela o fez por meio da decisão de morrer.

Ao construir esta personagem fazendo com que ela opte pela morte como reação ao poder vigente, Nélida Piñon desencadeia em *A república dos sonhos* um processo de atos narrativos, continuados pelas outras personagens femininas do romance que compõem as gerações seguintes, que se traduz como subversão do *script* imposto pelo contexto histórico-cultural, bem como pelos códigos estéticos que regem a literatura canônica.

Em relação a estes últimos, é interessante ressaltarmos, de acordo com as ponderações de Schmidt (1999), que as leis que regiam o casamento, a sexualidade e a dependência feminina, nos romances canônicos do século XIX, eram tão insistentes a ponto de se poder

identificar seqüências narrativas recorrentes, como casamento, adultério, loucura e morte. Trata-se de um “aparato ideológico dirigido à socialização das personagens femininas dentro de limites legais, econômicos e sexuais, inscrevendo os desejos individuais num código coletivo de ações, cujas seqüências reforçam comportamentos psiquicamente introjetados e papéis socialmente legitimados”. (p. 673)

Se a morte e a loucura, nestes romances, que se constituem no lugar *par excellence* da articulação ideológica do sistema de gênero, ocorrem como resoluções narrativas nos casos em que as personagens femininas transgridem os limites e violam os valores do universo ideológico-familiar, a morte na trajetória de Eulália assume outra roupagem: um grito de “basta”, após décadas de resignação e de resistência.

Do mesmo modo, a morte de Esperança não é concebida, no universo narrativo, como punição às transgressões que ela opera em relação aos códigos norteadores do sistema de gênero, mas também não o é apenas como consequência de um estágio de vida em que a tolerância, em face da insatisfação frente à realidade opressora, atinge uma situação-limite, como ocorre com Eulália. É uma morte que vem coroar, como uma última manifestação, o final de uma longa e árdua batalha contra a teia de instituições e práticas sociais que o sistema de gênero envolve, como a divisão sexual do trabalho, a representação de papéis sexuais rígidos, a supervalorização do casamento e as limitações no que toca à expressão de escolhas, da sexualidade e do desejo feminino.

Esperança, portanto, situada na geração posterior a Eulália, é marcada por um estágio de conscientização mais adiantado e — apesar de ainda não contar com o suporte histórico-social, erigido nos anos posteriores com o feminismo, capaz de lhe garantir uma luta respaldada —, levantou a bandeira da insubordinação, protestando e rompendo com os modelos e valores dominantes.

O resultado foi seu relativo “enquadramento” na Lei do Pai; relativo porque, se a ela não foi permitido viver sua escolha com serenidade, já que a solidão, o abandono e a pressão social supostamente a conduziram à morte, entendida como um último argumento, ela pôde, ao menos, “dar o seu recado”. Isso implica dizer que a sua trajetória fez com que fosse enfaticamente registrada a insatisfação que nutria no tocante à ideologia patriarcal, que é, no fim, a insatisfação da mulher a ela contemporânea; mais que isso, promoveu o desnudamento do fato de que a mulher não sucumbiria, incondicionalmente, por muito mais tempo, a esta ideologia em voga por milênios.

Em vista disso, podemos dizer que, em *A república dos sonhos*, Piñon toma o modelo feminino concebido ideologicamente pelo patriarcalismo como um parâmetro a partir do qual executa deslocamentos semânticos, entendidos como o lugar da resistência que caracterizaria a alteridade da literatura de autoria feminina.

Na trajetória de Esperança, o parâmetro a partir do qual a escritora opera a maioria dos deslocamentos semânticos é o casamento, tomado como uma instituição legitimadora do exercício sexual e da procriação. A reflexão abaixo, de Schmidt (1999), contempla o significado desta instituição no universo romanesco, considerado de forma ampla:

Como aponta Leo Bersani, “na tradição do romance moderno, o casamento completa o sentido”, mesmo quando não figure como uma resolução, seja feliz ou infeliz. Sua importância não é puramente formal, uma vez que imprime na narrativa uma estrutura significativa que traduz um modo de produção de relações sociais altamente valorizadas e coerentes com a visão de um mundo capitalista e burguês, cujo discurso moralizante está centrado no valor da domesticidade a partir da naturalização da mulher no espaço “sagrado” do lar. (p. 673)

Este apontamento faz emergir a vastidão do deslocamento semântico que o modo de construção de Esperança implica, em relação ao modelo de comportamento estabelecido pela ideologia patriarcal, corriqueiramente representado nas narrativas romanescas. Ao manter relações amorosas com um homem casado, engravidar dele, e após ser banida da casa paterna,

ter a filha e viver com ela por sua conta e risco, Esperança contraria todas as expectativas do senso-comum; em face do qual este modo de gerir a vida assume os foros do não-senso.

Do ponto de vista do pensamento feminista, todavia, este modo com que Esperança fora idealizada pela autora do romance aponta para a criação de um espaço, dentro dos discursos patriarcais, capaz de propiciar a visualização da mulher como agente ativo de sua história, e não simplesmente como objeto passivo, sujeito a toda sorte de subjugação.

Quanto a Breta — a terceira personagem que vem compor o trio das personagens femininas que, segundo nossa leitura, ilustram a trajetória da emancipação feminina —, um outro *status quo* em relação à condição social da mulher lhe respaldou as ações. Ela fora ambientada a partir dos anos 60, momento histórico marcado por significativas revoluções culturais, que, de certa forma, facilitaram-lhe a desestruturação do patriarcalismo dominante no seio da família do avô Madruga.

Em vista disto, ela representa, no universo romanesco, a mulher que encontrou, através do pensamento feminista reinante em seu tempo, condições para escapar da dependência e da submissão milenar de seu sexo. Trata-se de estar em conjunção com uma liberdade que não fora, sequer, sonhada pela geração de sua avó Eulália. E se a geração de sua mãe ousou fazê-lo, fê-lo como pioneira que era da transgressão. Como tal, teve de se submeter, como no caso da própria Esperança, às calúnias e à exclusão da sociedade.

A trajetória de Breta, portanto, examinada em relação às trajetórias de Eulália e Esperança, surge em *A república dos sonhos* como uma etapa fundamental do ciclo que descreve o processo de emancipação da mulher.

Nesta etapa, ao invés de nos depararmos com uma figura feminina enredada no sistema de gênero, do qual a mulher sempre fora prisioneira, deparamo-nos com uma figura feminina liberada, com direito à voz e vez no universo social em que é ambientada. Sua postura social se configura a partir de constantes deslocamentos semânticos operados em

relação aos valores embutidos no sistema de gênero. Assim acontece no âmbito das relações amorosas, em que ela repudia o casamento como instituição altamente valorizada no mundo patriarcal, capitalista e burguês; no âmbito de suas crenças político-ideológicas, em que, no auge da ditadura militar, se compromete com grupos de esquerda, fazendo-se respeitar pelos que a cercam; no âmbito profissional, em que se faz escritora, profissão tradicionalmente masculina, imbuída do direito de narrar segundo uma ótica revisionista, crítica e racional; e acontece, principalmente, no âmbito familiar, em que consegue destronar o poder patriarcal, introjetando novos pontos de vista no que concerne às convenções sociais, incluindo os papéis femininos.

Segundo esta linha evolutiva, pode-se ler o modo de construção deste trio de personagens femininas como sendo capaz de historicizar, no universo romanesco, a condição social da mulher, incorporando-lhe mudanças e aceitando-lhe a transitoriedade, sem perder de vista as condições concretas que a acompanham. Daí dizermos que suas trajetórias desenvolvem-se em consonância ao desenvolvimento das conquistas emancipadoras da mulher.

Nesse sentido, ao trazer a história da evolução da condição social da mulher para o universo da ficção, Piñon o faz inscrevendo-a na linhagem do pensamento feminista: a opressão da mulher e a inferioridade a ela atribuída não são inerentes à sua natureza, mas foram construídas, paulatinamente, ao longo de milênios; não sendo naturais, e considerando o empenho da própria mulher em desestabilizá-las, há que se substituir as abordagens de seu processo histórico, alicerçadas na permanência, por abordagens que focalizam conjunturas provisórias e concretas, transcendendo definições estáticas e desconstruindo categorias abstratas.

Se a mulher, na maior parte de sua história, esteve atada ao peso das convenções, dos papéis sociais e do determinismo de sexo, conforme retrata a trajetória de Eulália e, de forma

menos estável, a de Esperança, esta situação nas últimas décadas tem assumido novo perfil. Há, portanto, que se fazer refletir este novo estado de coisas na literatura, sobretudo, se não há intenção de eternizar a “condição” de subjugada da mulher. É o que faz Nélida Piñon, em *A república dos sonhos*, ao retratar a história da mulher por meio deste movimento ascendente, que culmina na construção de uma personagem como Breta.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PIÑON, N. *A república dos sonhos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. 761 p.
- SCHMIDT, R. T. A transgressão da margem e o destino de Celeste. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 7, 1997, Niterói. *Anais...* Niterói: EdUFF, 1999, p. 672-82.
- ZOLIN, L. O. *A república dos sonhos*, de Nélida Piñon: a trajetória da emancipação feminina. São José do Rio Preto, 2001, 284 f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Estadual Paulista.